

Análise dos Currículos dos Cursos de Engenharia de Produção Ofertados pelos Institutos Federais

Eric Costa Carvalho | eric.costa@ifsc.edu.br

Eli Lopes da Silva | eli.lopes@ifsc.edu.br

Frederico Reis Marques de Brito | frederico.reis@ifsc.edu.br

Luzitânia Dall'Agnol | luzitania.dallagnol@ifsc.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Os currículos dos cursos de Engenharia de Produção seguem, na maioria dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), as áreas definidas pela ABEPRO, mas com importantes diferenças quanto à distribuição de componentes curriculares e à quantidade de carga horária referentes às áreas de atuação. Há ainda elementos técnicos a se considerar, como o regionalismo, presente nos planos de cursos, fator de significativa relevância constante nos instrumentos de avaliação de cursos superiores utilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão vinculado ao Ministério da Educação do Brasil.

Diante das diferentes abordagens utilizadas pelos cursos de Engenharia de Produção, fator constituinte das suas estruturas curriculares e considerando a importância da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia na interiorização desses cursos no Brasil, este trabalho tem por objetivo analisar os currículos dos cursos de Engenharia de Produção ofertados pelos Institutos Federais de ensino à luz das áreas da ABEPRO.

2 ANÁLISE DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO

O percentual médio das áreas da ABEPRO nos PPCs foi organizado de forma decrescente, conforme apresentado na Tabela 1. Observa-se maior concentração em “Engenharia de Operações e Processos da Produção” (28%) e “Engenharia Organizacional” (17%), áreas diretamente ligadas à origem e consolidação da Engenharia de Produção. A primeira enfatiza processos produtivos, projetos de fábrica e o planejamento, programação e controle da produção; a segunda aborda gestão de projetos, conhecimento, tecnologia, inovação e, sobretudo, gestão estratégica e organizacional.

Segundo Leme (1983), professor e coordenador do primeiro curso de Engenharia de Produção no Brasil, essa prática tem raízes antigas, remontando ao século XVIII, com a Primeira Revolução Industrial, quando gestores e empresários ingleses já aplicavam princípios relacionados à gestão e ao planejamento fabril. Entre esses estavam o estudo do arranjo físico, a programação e o controle da produção. Para Cunha (2002), entretanto, o destaque da Engenharia de Produção ocorreu nos Estados Unidos, com Taylor e a racionalização do trabalho — origem do termo Industrial Engineering — e, na França, com Fayol e a administração industrial, consolidando a Engenharia de Produção como um campo próprio e equivalente às demais Engenharias.

Tabela 1: Classificação das áreas da ABEPRO dentro dos cursos conforme percentual médio calculado.

Posição	Áreas	% médio
1º	Engenharia de Operações e Processos da Produção	28%
2º	Engenharia Organizacional	17%
3º	Pesquisa Operacional	12%
4º	Engenharia Econômica	10%
5º	Engenharia da Qualidade	8%
6º	Engenharia do Trabalho	6%
7º	Educação em Engenharia de Produção	6%
8º	Logística	5%
9º	Engenharia da Sustentabilidade	5%
10º	Engenharia do Produto	4%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, conclui-se que os currículos de Engenharia de Produção nos Institutos Federais demonstram avanços significativos no alinhamento às DCNs e às diretrizes da ABEPRO, mas demandam um contínuo processo de atualização e harmonização entre as instituições, de modo a equilibrar as especificidades regionais com as competências essenciais da profissão.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, G.D. Um panorama atual da Engenharia de Produção. Porto Alegre: ABEPRO. 2002.
- LEME, R. A. S. A História da Engenharia de Produção no Brasil. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção (Enegep), 3, São Paulo, SP. Anais... São Paulo, 1983, p. 87-98.